



DILEMAS DA MODERNIDADE EM VIDA E MORTE DE M. J. GONZAGA DE SÁ

Marina Brito de Mello

Orientador: André Luiz Dias

Mestranda

RESUMO: O presente estudo tem como objetivo analisar a obra *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, de Lima Barreto. A referida análise expõe como o autor permite aos leitores observarem no romance a existência de uma cidade multifacetada, onde os marginalizados são o contraponto da tônica dominante da época. Interessa também observar como o discurso da modernidade foi visto por Lima Barreto a partir de temas que deixavam transparecer em sua literatura críticas sobre a reconstrução e reconfiguração da cidade do Rio de Janeiro. Lima Barreto, através de suas personagens, expõe o processo de transformação da cidade e seus efeitos sobre as classes menos favorecidas. Personagens como Augusto Machado e Gonzaga de Sá dão voz ao que Lima Barreto critica em relação às modificações pelas quais passava a cidade. A partir desse contexto social e cultural, procuraremos analisar e investigar como o nosso autor se lançará, em desvio, e começará a elaborar uma outra forma de narrativa.

PALAVRAS-CHAVE: Lima Barreto, Modernidade, Rio de Janeiro, *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*.

O presente estudo tem como objetivo analisar a obra *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, de Lima Barreto, assim como pretende ilustrar a forma com que o autor permite aos seus leitores observarem em seu romance a existência de uma cidade multifacetada opondo-se ao imaginário dominante da época.

Lima Barreto coloca em evidência parte das angústias presentes ao longo do século XIX e início do XX, através da vida de personagens que se encontravam diante de uma séria dicotomia social: de um lado, a pretensa modernidade que se anuncia, de outro, as velhas práticas oligárquicas que continuavam a reger as relações mais profundas da sociedade. Outro

aspecto importante a se observar é o papel da introdução de novas técnicas de mercado que disseminaram o encanto e o desejo cada vez mais acentuado pelo consumo. Assim, as mercadorias transformaram-se em fascínio e fantasmagoria nessa nova ordem capitalista que se desenvolvia de modo avassalador.

É através do olhar de Gonzaga de Sá e Augusto Machado que nós, leitores, deslocaremos nosso ponto de vista em relação ao espaço. Ao percorrer os diferentes lugares da cidade como, por exemplo, o subúrbio, percebe-se uma tentativa de deslocar a importância de localidades consideradas elitizadas na época, como é o caso da Tijuca ou de Botafogo – muito criticadas em diversas obras de Lima Barreto. Ambos os lugares citados eram de grande importância política e cultural na época. Lá habitava grande parte da elite carioca, em construções que, de certa maneira, marcavam o processo de transformação da sociedade.

A cidade multifacetada presente na obra de Lima Barreto contrapõe-se à identidade já cristalizada de acordo com os moldes e parâmetros europeus, excluindo a presença de outros segmentos da cidade, impedindo-os de participarem de sua constituição. Enquanto os grandes círculos literários eram rodeados por escritores que exaltavam uma linguagem clássica e estilística, Lima Barreto predominava com uma linguagem simples que dava voz aos que faziam uma história digressiva: os trabalhadores, negros e aqueles que estavam à margem da sociedade.

Ao fazermos um paralelo com o texto “Os olhos, a barca e o espelho” de Antonio Candido (1989), podemos afirmar que o mesmo define a posição de intelectual presente em Lima Barreto de acordo com algumas questões indispensáveis. Segundo o teórico, para o autor de *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* se fazia necessária a utilização de uma sinceridade plena, ou seja, o intelectual deveria transmitir os sentimentos e as ideias que percorriam o imaginário da época. Além disso, era preciso destacar os “problemas humanos em geral e aos sociais em particular” (CANDIDO, 1989, p. 43) com o objetivo único de libertar o homem das amarras impostas pela rede de poder que governavam a sociedade em plena reconfiguração.

Assim, talvez o Lima Barreto mais típico, seja o que funde problemas pessoais com problemas sociais, preferindo os que são ao mesmo tempo uma coisa e outra – como por exemplo a pobreza, que dilacera o indivíduo, mas é devida à organização defeituosa da sociedade; ou o preconceito, traduzindo

em angústia, mas decorrendo das normas e interesses dos grupos (CANDIDO, 1989, p. 43).

A obra *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* é retratada no início do século XX em meio as constantes modificações da cidade do Rio de Janeiro. Como pano de fundo para obra, temos a proposta de embelezamento da cidade e a tentativa de compará-la ao modelo arquitetônico parisiense. A capital, agora nas mãos do engenheiro Pereira Passos que muito contribuiu para o governo de Rodrigues Alves, encontra-se em plena modificação, seja no âmbito cultural – hábitos e costumes são colocados em evidência nos grandes salões e cafés – político – já citado através do novo prefeito sucessor de Campos Sales – ou social – antigos lugares cedem espaço às novas construções como foi o caso da derrubada do Morro do Castelo, tendo como consequência o deslocamento da grande camada popular da sociedade que se dirige para o subúrbio. Através da voz de personagens como Augusto Machado e Gonzaga de Sá, Lima Barreto expressa sua crítica em relação às transformações pelas quais passa a cidade do Rio de Janeiro de sua época. O nosso autor se lança, portanto, percorrendo um outro caminho, tornando-se dissonante, e começa a “tecer” uma outra forma de narrativa, dando ênfase à sua percepção contraditória em relação aos grandes acontecimentos de seu tempo.

O personagem de Augusto Machado é inserido na obra como o biógrafo que relatará passagens e testemunhos da vida de Gonzaga de Sá, um funcionário público que não se tornou doutor devido às solenidades que receberia graças ao título. Ambos se conheceram em uma repartição, enquanto Machado tratava de negócios a pedido de seu chefe e Gonzaga de Sá se afogava “num mar de papéis, na seção de ‘alfaias, paramentos e imagens’” (BARRETO, 1990, p. 17). Desde este fato, Machado e Gonzaga tornaram-se confidentes e compartilharam suas experiências durante passeios que permitem ao leitor a percepção e a modificação dos diferentes espaços públicos existentes no Rio de Janeiro do início do século XX, além dos discursos sobre as formas políticas da época retratados por ambos. Observamos a forma de uma possível biografia em “Primeiras Informações”:

Manuel Joaquim Gonzaga de Sá era bacharel em letras pelo antigo Imperial Colégio Dom Pedro II. Possuía boas luzes e teve sólidos princípios de educação e instrução. Conhecia psicologia clássica e a metafísica de todos os tempos. Comparava opiniões do Visconde de Araguaia com as do Senhor Teixeira Mendes (BARRETO, 1990, p. 27).

Ou um pouco mais adiante, no capítulo “O Inventor e a Aeronave”:

De Gonzaga de Sá, vou contar-lhes as suas cousas íntimas e dizer-lhes, antes de tudo, como morreu, para fazer bem ressaltar certos trechos e particulares que serão mais tarde contados, de sua bela obscuridade. Narremos os fatos (BARRETO, 1990, p. 19).

Percebemos que muito daquilo que Machado tenta expor em seu romance sobre a vida de Gonzaga é baseado no diálogo trocado entre ambos, que muitas vezes denuncia os abusos da sociedade dos séculos XIX e XX, a burocracia e a aristocracia ineficiente. Observam-se ao longo do romance, as diferentes contestações feitas tanto por Gonzaga quanto por Machado em relação aos inconvenientes da época e aos grandes disfarces travestidos em luxo e glamour presentes nos grandes cafés e concertos.

(...) aquela sociedade brilhante que via formigar nas cadeiras e camarotes, de longe parecia revestida de uma grandeza que me intimidava. Debruçado na grade da galeria, as casacas corretas e os ricos vestuários das senhoras eram um deslumbramento para os meus pobres olhos; e, por não ser do meu gosto analisar os espetáculos que me agradam, aceitei aquela sociedade como deslumbrante, grandiosa e brilhante (...) Era para brilhar ali que nós todos brigávamos, matávamos, e roubávamos, por sobre oito milhões de quilômetros quadrados do Brasil. Não se acredita! (BARRETO, 199, p. 118-9).

Interessa-me aqui também observar como o espaço é visto através dos percursos que os personagens – narrador-biógrafo e biografado – fazem pelo estado do Rio de Janeiro. É muito bem retratado no romance as ruas e os lugares “bem frequentados” ou mesmo aqueles que eram dedicados aos humildes, considerados maltrapilhos pela aristocracia, desde Botafogo à Petrópolis, passando por Santo Cristo, Penha, Ilha do Governador e Tijuca. Vemos tanto a alteração do espaço quanto a transformação do fluxo temporal presente em *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*.

Há também uma relação entre personagem e espaço, sendo este último de caráter social representado, segundo o teórico Osman Lins (1976), pelos “costumes e sua evolução, os valores em curso, a situação dos indivíduos e das classes, a atitude mental das coletividades” (LINS, 1976: 122), observados pelo olhar crítico do autor tanto na voz de Gonzaga de Sá quanto na voz de Augusto Machado. Ambos, segundo Lins (1976) são passeadores, são flâneurs inseridos no cotidiano social, e percorrem toda a cidade observando montanhas, mar, casas, locais públicos, ruas e, claro, o subúrbio.

A caracterização do ambiente íntimo e privado, e da Secretaria dos Cultos, cede lugar à caracterização dos morros, do mar, da arquitetura e da cidade do Rio de Janeiro, além de observarmos a representação de uma cultura social e política; conseqüentemente os personagens presentes em *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* são definidos de acordo com uma sociedade que estava em plena transformação. Augusto Machado é um contínuo que, em meio aos diálogos acirrados e aos pensamentos que muito são descritos no romance, pode ser representado como um alter-ego do próprio autor Lima Barreto. Diante de suas contestações, percebemos um tom de crítica em meio à cidade que se encontra frente ao processo avassalador de modernização, além das mudanças geográficas que acontecem, como a ampliação de avenidas e ruas, como a Avenida Central. Com isso, Lima Barreto expõe através da voz de Machado, toda caracterização da sociedade da época, coabitada tanto pelos aristocratas, quanto pelos mais humildes que habitavam os subúrbios.

O que observamos em *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* são dois personagens que através de seus diálogos caracterizam a cidade e expõem de modo preciso, suas opiniões acerca de determinados assuntos, como política, imprensa e cultura. Há, também, alguns personagens que percorrem o romance, como é o caso da parenta de Gonzaga, ou dos personagens que figuram as ruas que Machado e Gonzaga percorrem, como *flâneurs*.

É importante ressaltar que neste momento o Rio de Janeiro passou por um processo intenso de modernização, com a remodelação de seu porto e do centro da cidade, com a construção da Avenida Central que muito assemelhava-se com a Paris da *Belle-Époque*. Além disso, foram derrubados grandes edifícios antigos da cidade para dar lugar às novas propostas de remodelação do espaço geográfico, como a construção de grandes avenidas, o alargamento e pavimentação das ruas e a expansão dos serviços de bondes. Todas essas mudanças provocaram o deslocamento das camadas mais pobres, compostas por trabalhadores, ex-escravos, negros e pessoas de origem humilde, para os subúrbios ou encostas dos morros, acompanhadas de medidas higienizadoras que vinham desde a época do governo de Campos Sales. A intenção para essas modificações não eram somente as propostas de “embelezamento” da cidade ou a tentativa de deixá-la com ares cosmopolitas equivalentes aos de Paris, mas também de ignorar ou até mesmo destruir os vestígios do passado colonial, escondendo os sinais de pobreza e censurando àqueles que estavam à margem, tudo para

atender aos objetivos de uma elite aristocrática e construir uma ideia de nação cosmopolita e moderna.

Este Rio é muito estrambótico. Estende-se pra aqui, pra ali; as partes não se unem bem, vivem tão segregadas que, por mais que aumente a população, nunca apresentará o aspecto de uma grande capital, movimentada densamente (BARRETO, 1990, p. 41)

A questão da modernidade que assolava não somente Lima Barreto, mas os intelectuais ao longo do século XIX e no início do século XX, é retratada por Marshall Berman (1987), sociólogo norte-americano, como algo que proporciona ao sujeito crescimento e autotransformação, mas que “ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos” (BERMAN, 1987, p. 15). Além de Berman (1987) ilustrar a modernidade como uma “ameaça”, evoca ainda sua unidade paradoxal, uma vez que a sociedade é inserida num “turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia” (BERMAN, 1987, p. 15). Figuras como o flâneur, o dândi da vida moderna, aparecem para assumir o papel do artista e se fazem presente em nossa sociedade, tornando a rua sua moradia. O sujeito é, agora, um observador em constante deslocamento e analisa a novidade instalada atrás de uma vitrine, assim como a multidão e todos os seus tipos e hábitos recorrentes na cidade.

Lima Barreto, portanto, se faz um observador em constante deslocamento, pois além de manifestar uma intensa crítica com relação à modernização, também ecoava, em sua literatura, vozes daqueles que estavam à margem da sociedade e toda uma multidão de tipos que percorriam a cidade. Tanto Gonzaga de Sá quanto Augusto Machado dão um tom de flâneur na obra, com as suas caminhadas e questionamentos em relação à vida e à sociedade. Ao percorrerem a cidade muitas das vezes a pé, como o próprio Gonzaga de Sá aconselha ao jovem Machado, vemos uma tentativa de se obter uma outra perspectiva da cidade. É sob o olhar deste “passeador” que percebemos como é reconstruído o espaço urbano e é pela voz de Gonzaga de Sá que temos a certeza do sentimento de pertencimento que ele nutre com a cidade do Rio de Janeiro: “(...) Eu sou Sá, sou o Rio de Janeiro, com seus tamoios, seus negros, seus mulatos, seus cafuzos e seus ‘galegos’ também (...)” (BARRETO, 1990, p. 37).

Outra citação curiosa também se faz presente na obra *Recordações do escritor Isaias Caminha*, onde o autor expõe a transformação da cidade na voz do Coronel Figueira:

“Está tudo mudado: abolição, república...Como isso mudou! Então de uns tempos para cá, parece que essa gente está doida; botam abaixo, demolem casas, levantam outras, tapam umas ruas, abrem outras...Estão doidos!!!” (BARRETO, 1917, pág. 54). Fato descrito por Renato Cordeiro Gomes (2008) para retratar a consolidação da República e, conseqüentemente, as implantações que ela ocasionou na vida da sociedade carioca que buscava implementar o projeto modernizador da capital federal:

Embora fosse o centro político e financeiro e tivesse o maior contingente populacional e consumidor do país, se caracterizasse como o centro cosmopolita por excelência do Brasil, o Rio de Janeiro tinha ainda as feições de uma cidade colonial. Fazia-se necessária a remodelação da cidade, para que a ordem e o progresso civilizatórios fossem encenados. Era preciso construir um palco ilusionista para representar os tempos modernos com todos os seus aparatos. O Rio, assim, civilizava-se sob o patrocínio do poder, das elites aburguesadas. O projeto tinha por objetivo criar uma imagem de credibilidade aos olhos do mundo civilizado. Acompanhar o progresso significava colocar-se no mesmo paradigma dos padrões e ritmos da economia europeia (GOMES, 2008, p. 113).

A geografia da cidade também se fez muito presente na obra, através do olhar observador dos caminhantes Augusto e Machado. Ambos percorrem o entorno da cidade e fazem críticas aos meios de locomoção da época e também à topografia da cidade:

Se considerarmos a topografia do Rio, havemos de ver que as condições do meio físico justificam o que digo. As montanhas e as colinas afastam e separam as partes componentes da cidade. É verdade que mesmo com os nossos atuais meios rápidos de locomoção pública ainda é difícil e demorado ir-se do Méier a Copacabana: gastam-se quase duas horas. Mesmo do Rio Comprido às Laranjeiras, lugares tão próximos na planta, o dispêndio não será muito menor. São Cristóvão é quase nos antípodas de Botafogo; e a Saúde, a Gamboa, a Prainha graças àquele delgado cordão de colinas graníticas – Providência, Pinto, Nheco – ficam muito distantes do Campo de Sant’Anna, que está na vertente oposta; mas com aperfeiçoamento da viação, abertura de túneis, etc, todos os inconvenientes ficarão sanados (BARRETO, 1990, p. 42).

Dentro de um panorama da época e fazendo menção à política, vemos que a reurbanização e o saneamento eram necessários segundo aqueles que governavam a cidade e que tinham como objetivo conter distúrbios populares e as precárias condições de higiene, objetivando, com isso, a transformação da cidade em cartão-postal, uma vez que tentava instaurar moldes europeus. A inserção da modernidade acabou atraindo comerciantes que buscavam entreter o consumidor de prestígio com os mais altos padrões de sofisticação.

Entretanto, as camadas mais populares foram sendo expulsas para periferia e excluídas de toda essa nova visão social, acarretando não só o luxo e o bem-estar da burguesia, mas também a segregação social, a miséria e a marginalização daqueles que foram silenciados pelos grandes “monumentos da cultura” (BENJAMIN, 2008, pág. 225) e que não tiveram a oportunidade de compartilhar suas tradições. É exatamente essa camada da sociedade, dos excluídos e marginalizados, que Lima Barreto vai inserir em seus romances, conforme afirma Mônica Pimenta Velloso: “na obra de Lima Barreto, o subúrbio se transforma na verdadeira Nação, enquanto a outra parte da cidade representa a Nação inventada pelas nossas elites”. (VELLOSO, 1988, pág. 40)

Uma “Nação inventada”, pois buscavam na cultura de outrem suprimir a nossa própria cultura e silenciar a nossa tradição de país colonizado. Com isso, procurou-se inserir hábitos europeus, vindos principalmente da modernosa Paris, influenciando não só a geografia da cidade, mas também o nosso campo das artes e da literatura. Os romances assumiram uma subjetividade e deixaram de ser compartilhados entre todos, ganhando também uma característica que não condizia com a verdadeira forma nacional, apesar de tentar mostrar isso em sua literatura ufanista. O herói era aquele que possuía formas e padrões europeus; mesmo sendo o índio colonizado, ele possuía características que mais o assemelhavam ao cavaleiro medieval do que ao guerreiro tupi. A linguagem erudita utilizada também era lida e entendida por poucos, já que a maioria da população era composta de ex-escravos e analfabetos. É dentro dessa questão que Lima Barreto vai direcionar a sua crítica, principalmente com relação à “ignorância de nossos literatos” e ao modo como a sociedade reproduzia esses padrões, tornando-se dissonante e um homem que reflete a cultura de seu tempo.

Em suma, a partir dessa perspectiva, temos um escritor que denuncia, um sujeito e uma obra inseridos em seu tempo. Assim como o modo de narrar sofria alterações, a sociedade e o sujeito também encontravam-se em mudanças e é a partir desta ótica que Lima Barreto nos descreve a cultura de sua época, bem como as denúncias narradas por um autor que, apesar de vivenciar hábitos do século XIX e início do XX, faz presente ainda nos tempos atuais.



REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. 3ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1964.
- BARRETO, Lima. *Diário do Hospício/ Cemitério dos vivos*. Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca, 1993.
- _____. *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. São Paulo: Editora Ática, 1997.
- _____. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Gráfica Melhoramentos, 1997.
- _____. O destino da literatura. *Um longo sonho de futuro*. Rio de Janeiro: Graphie Editorial, 1998.
- _____. *Contos Completos de Lima Barreto*. SCHWARCZ, Lilia Mortiz (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- _____. *Diário Íntimo*. BARBOSA, Francisco de Assis (org.). Rio de Janeiro: Editora Brasiliense, 1956.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987 e 1989, vol. 1, 2, 3.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Trad. Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- CÂNDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987.
- _____. *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- _____. Literatura, espelho da América? In: *Remate de Males: revista do departamento de teoria literária*. Campinas: UNICAMP, 1999.
- DIAS, André. *Lima Barreto e Dostoiévski: vozes dissonantes*. Niterói: Editora da UFF, 2012.
- SCHWARZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- VELOSO, Mônica Pimenta. *As tradições na Belle Époque Carioca*. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1988.